

COR, SABOR E PAIXÃO: construindo contextos escolares de participação

COLOR, TASTE AND PASSION: building school contexts of participation

Carla Kern¹

RESUMO: O presente artigo foi pensado a partir da proposição de que a contemporaneidade vem tornando as formas de ser e conviver tão fluidas e dinâmicas que o ser humano transforma sua vida em complexos anúncios de classificados, onde o desejo maior é sempre procurar, independentemente do que seja, na ânsia incontrolável de algo encontrar. Com o intuito de provocar a reflexão acerca desses aspectos, articulando-os com as dinâmicas do contexto escolar, é que o referido artigo foi estruturado. Para tanto, utilizaram-se as poesias de Marina Colasanti, em seu encantador livro “Classificados e nem tanto”, como fio condutor desse diálogo entre teoria e prática acerca dos movimentos de participação na construção coletiva do projeto pedagógico e do papel da coordenação pedagógica, com generosas pitadas de cor, sabor e paixão.

Palavras-chave: Coordenação pedagógica. Identidade docente. Participação.

ABSTRACT: This article has been designed from the proposition that contemporaneity is making the forms of being and living so fluid and dynamic that humans turn their lives into complex classified ads, where the biggest desire is to always look for, regardless of what that is, in the uncontrollable urge to find something. This article was structured aiming to provoke reflection about these issues by linking them with the dynamics of the school context. For this, we used the poetry of Marina Colasanti, in her charming book “Classificados e nem tanto”, as the thread of this dialogue between theory and practice regarding the movements of collective participation in the construction of the educational and the role of pedagogical coordination, with generous pinches of color, flavor and passion.

Keywords: Pedagogical coordination. Teacher identity. Participation.

1 INTRODUÇÃO

*No terreno vazio
o tempo
se torna baldio.*
Marina Colasanti

É o terreno que continua vazio após um tempo baldio? Ou será o tempo que se mostra vazio em terreno baldio? Temos aqui e acolá alguns lotes de solo fértil, onde o tempo de semear precisa, com urgência, iniciar. Afinal, em terras onde são raras as sementes cultivadas, dificilmente algo extraordinário se colherá.

Tal metáfora coloca o espaço escolar, um destes terrenos anunciados, em situação de alerta. Diante da referida proposição, abro os classificados à procura de alguém que possa, quem sabe, ajudar-me no plantio de ricos frutos de compaixão, sensibilidade e esperança.

Eis que entre uma página e outra, para minha surpresa e estranheza, percebo que são muitos os anúncios de toda espécie e que, de certa forma, encontram minhas expectativas de braços abertos: professor deseja encontrar um refúgio que lhe dê sentido para pousar; escola aluga morada para longa temporada; aluno com-

¹ Graduada em Educação Física (Feevale) e pós-graduanda em Coordenação Pedagógica (ISEI). Professora da Rede Municipal de Estância Velha. E-mail: carla.kern@hotmail.com.

pra sonho que vire verdade, conduzindo-o para outra realidade...

*Vendo em leilão
o pouco que resta
do meu coração.*
Marina Colasanti

Compra, vende, aluga, leiloa... De fato, a contemporaneidade vem tornando as formas de ser e conviver tão fluidas e dinâmicas que transformamos nossa vida em complexos anúncios de classificados, onde o desejo maior é sempre procurar, independentemente do que seja, na ânsia incontrollável de algo encontrar.

Vivemos em tempos e espaços de procura... À procura da compreensão do outro, da retribuição e amorosidade no olhar, da sensibilidade na escuta, da fala que acalenta, de motivos que deem sentido e forma para nosso bem viver.

Com o intuito de fomentar a reflexão acerca destes aspectos, articulando-os com as dinâmicas do contexto escolar, é que o presente artigo foi pensado e projetado. Na verdade, prefiro defini-lo enquanto uma “aventura metafórica”. Para nela embarcar, levo em minhas bagagens as tantas leituras e pensamentos colhidos e, entre eles, utilizo as poesias de Marina Colasanti, em seu encantador livro “Classificados e nem tanto”, como fio condutor desse diálogo entre teoria e prática acerca dos movimentos de participação na construção coletiva do projeto pedagógico e do papel da coordenação pedagógica, com generosas pitadas de cor, sabor e paixão.

2 NUANCES DA COR

*Pensamento rejeitado
pede
para ser adotado.*
Marina Colasanti

E eis que pensar é uma das ações inerentes ao ser humano. Mas e quando tais pensamentos perdem seu real valor? Como lidar com situações onde as pessoas desqualificam os pensamentos e saberes umas das outras? Que tal a escola, espaço de “terras férteis”, começar a romper esse paradigma?

Nesse sentido, é essencial considerar a relevante função da coordenação pedagógica ao mobilizar, perceber, valorizar e articular os pensamentos dos profissionais que atuam no contexto escolar, a fim de que não sejam mais rejeitados.

Os movimentos de participação dessa coletividade encontram acolhida na construção do projeto pedagógico da instituição. Ao reconhecê-lo como o conjunto de decisões coletivas que determinam a identidade de cada escola, Placco e Souza (2012, p. 27) enfatizam que “qualquer processo e qualquer prática educativa só avançam se abordados da perspectiva do trabalho coletivo”.

Ao dar-se conta e tomar consciência da importância de olhar, ouvir e acolher as expressões e os pensamentos que habitam corpos e mentes da equipe docente multicolorida, a coordenação pedagógica estará fomentando e potencializando contextos participativos.

Essa participação, conforme alertam Bordignon e Gracindo (2004, p. 170), não pode ser tida como “mera colaboração, de mão única, de adesão, de obediência às decisões da direção”, mas sim enquanto “uma força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade” (LÜCK, 2008, p. 29).

Libâneo (2004) vai além ao afirmar que o conceito de participação tem embasamento no de autonomia, cujo significado é a capacidade que as pessoas têm de conduzirem livremente suas vidas. Uma vez que a autonomia se contrapõe às ideias de autoritarismo, no ambiente escolar ela é efetivamente exercida e legitimada através da participação.

Logo, participação é um “partilhar com” (OLIVEIRA, 2005, p. 44), sendo preciso abrir a escola para ações coletivas, onde os profissionais que nela atuam possam analisar e discutir as problemáticas existentes em busca de possíveis soluções.

Entender que cada docente representa uma das inúmeras cores, sendo constituído por referenciais, crenças e pontos de vista de tons variados, e que esta diversidade, ao ser “misturada e combinada”, tem sempre a possibilidade de criar novas e diferentes tonalidades para a mudança é o alicerce para importantes conquistas do todo, com todos e para todos.

*Agulha
Sem linha e sem tecido
Procura costura
Que lhe dê sentido.*
Marina Colasanti

Pensar, pois, na participação do coletivo de educadores na tomada de decisões que permeia e envolve o projeto pedagógico é valorizar e dar sentido ao que é pensado e compartilhado por cada um.

Reiterando, Vasconcellos (2000, p. 162) cita Arroyo (1982), ao afirmar que “a prática educativa quando refletida coletivamente é a melhor fonte de ensinamento teórico e, sobretudo, de práticas mais comprometidas”.

Compreender e reconhecer que cada cor, ao ser apreciada e contemplada sob diferentes perspectivas, apresenta mil e uma nuances é construir espaços escolares democráticos, de efetiva participação e engajamento docente.

3 SUTIL SABOR

*Andando no fio
o abismo
desafio.*

Marina Colasanti

Ao legitimar o fascinante desafio de construir espaços de participação no contexto escolar, é interessante refletir sobre como a coordenação pedagógica reflete e refrata os tantos sabores provocados a partir da complexa mistura de ingredientes em cenários participativos.

É um toque doce que se sobressai no salgado... O azedo quase sempre rejeitado que insiste em ficar no paladar... Ou que tal a ardência picante que se revela em meio ao mais insólito dos gostos... Tem ainda aquele toque amargo que, embora triste e doloroso, se faz necessário em alguns preparos.

Saber lidar com esses únicos e marcantes sabores exige do coordenador pedagógico a reflexão constante sobre seu real papel na articulação e parceria entre eles, visto que é ele o mediador no processo de construção do trabalho coletivo (PLACCO; SOUZA, 2012).

Nesse sentido, é sabido que a coordenação pedagógica se depara com os mais saborosos contextos, uma vez que neles circulam profissionais com características culturais ímpares. As formas de pensar, ser, agir, os exemplos e as referências de atitudes e valores de cada docente, certamente, influenciam nas ações a serem desenvolvidas pelo coordenador.

Existe em cada escola um jeito peculiar de pensar e agir, um sutil sabor que está além de nossos olhos... Não basta apenas estar na escola, é preciso ser e sentir-se parte dela para desvendar cada um de seus sabores latentes.

Mas, acima de qualquer que seja o sabor, o desejo é de que o mais intenso deles seja o sabor da confian-

ça. Em contextos de participação, onde a comunicação entre as partes que formam o todo é imprescindível, é através desse tempero que se fomenta o engajamento e comprometimento, cuja transparência nas relações e informações partilhadas é fortalecida. E é essa confiança pela transparência (NAYAR, 2011) que será capaz de gerar uma cultura de mudança em cada contexto escolar.

4 MOTOR PAIXÃO

*A chama da vela
revela
o pavio que a gera.*
Marina Colasanti

Uma vez que as bases para a mudança e construção de um contexto escolar de participação já estão consolidadas, onde as nuances de cada cor são reconhecidas e os mais sutis sabores percebidos, cabe a cada “ator pedagógico” (PLACCO; SOUZA, 2012) desempenhar seu papel.

Vale ressaltar que é preciso clareza quanto a ele. Quanto mais claro e nítido estiver o papel que desempenha na instituição, mais identidade profissional haverá.

Essa identidade está fortemente atrelada à nossa essência, que se constrói num processo dinâmico e aberto. Metaforicamente, é o pavio que sustenta e mantém a chama docente ardente e brilhante.

*Quando chove
e não faz sol
o que move o girassol?*
Marina Colasanti

Arriscaria-me a responder tamanha indagação com um único palpite: PAIXÃO!

Seja na docência, na coordenação pedagógica ou em outra função, é a paixão que nutre nossa alma, nos impulsiona e projeta nossas ações à frente.

É o “motor paixão” que abastece nossa vivacidade e revigora a energia quando, às vezes, se mostra fraca e sobrecarregada.

É esse sentimento que nos ampara e apoia na construção e fortalecimento de nosso rosto, nossa cara, nossa marca enquanto docente, enquanto pessoa. E ser pessoa, como salienta Alarcão (2011, p. 101), “[...] é ter papel, ter voz e ser responsável”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Um homem que não existe
insiste
em levar sua vida triste.*
Marina Colasanti

Aproximando-me dos últimos anúncios dos classificados, percebo, enfim, que é chegado o momento de parar de projetar os inquietantes desejos e ímpetos no que está além de nós. É preciso, pois, olhar com carinho para nossa essência.

Para que possamos, de fato, existir e perpetuar essa existência, é fundamental travar um diálogo franco e sincero consigo próprio.

O interesse na procura exterior deve ser substituído pela necessidade de encontrar-se a si mesmo! Ao reconhecermos e compreendermos nossa trajetória de vida, percebendo o que nos limita, nos agrada, nos perturba e fortalece, sem dúvida, seremos muito mais seguros e confiantes para desempenhar nossa função no contexto escolar.

Ao tomar consciência de mim, conhecendo-me de maneira mais densa e amplamente, é possível prever reações, assim como neutralizar determinadas situações que nos inquietam.

Na medida em que alcanço a identidade docente, certamente a escola assim também o fará e, então, poderemos parar de insistir em levar uma vida singela e triste, caminhando lado a lado com a felicidade e o sucesso, perseverando em nosso plantio e cultivo das sementes de compaixão, sensibilidade e esperança.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BORDIGNON, Genuíno; GRACINDO, Regina Vinhaes. **Gestão da educação: o município e a escola**. In: AGUIAR, Márcia Ângela da S.; FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 147-176.
- COLASANTI, Marina. **Classificados e nem tanto**. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Cadernos de Gestão).
- NAYAR, Vineet. **Primeiro os colaboradores, depois os clientes: virando a gestão de cabeça para baixo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Projeto político-pedagógico: da construção à implementação**. In: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 40-53.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção**. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 25-36.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2000.